

rapariga ansiosa

rosa silva

CAPÍTULO 1



Porque estou com tanta pressa? Porque estamos todos com tanta pressa? Paro e olho em volta. Podia ser um cenário de guerra ou mesmo uma *Black Friday*, mas não é. Estamos em abril de 2014 e esta é apenas mais uma sexta-feira ao final da tarde, num supermercado de uma grande cidade. Quer dizer, não sei se podemos chamar grande cidade a Lisboa. Pode ser a maior cidade portuguesa, mas, com pouco mais de meio milhão de habitantes, é uma aldeia quando comparada com os quase nove milhões de Londres ou os catorze milhões de Tóquio (que odiei). Adoro Lisboa, mas, nos últimos tempos, sinto que a minha cidade me sufoca.

Estou perdida nos meus pensamentos quando uma mulher, na casa dos quarenta, com o cabelo pintado de loiro platinado e um vestido vermelho justo que lhe realça todas as curvas, quase me atropela. Nada se pode interpor entre a loira e um frasco de desodorizante *Dove*. Podia ficar aborrecida com o olhar que me lançou, mas decido que estou solidária com ela. Ficar sem desodorizante é um grande problema, sobretudo se vamos ter um encontro. E vestida daquela maneira, aposto que vai ter um encontro escaldante com um tipo qualquer que conheceu na Internet, que se vai revelar um traste, ou, então, até parece um ser humano decente, mas, depois de quase um ano de encontros, continua a não querer assumir uma relação.

E eu, porque estou no supermercado do El Corte Inglés na hora mais movimentada da semana? Desvio o olhar da falsa loira e dirijo-me ao corredor dos produtos de higiene feminina. Percorro as prateleiras com o olhar até encontrar o que procuro: uma embalagem de *Tampax*. A embalagem de tampões pode ser um produto essencial, mas não é o que eu mais preciso. Embora esteja com o período e precise mesmo de comprar tampões (porque estou a usar o último que tinha guardado numa gaveta do escritório), há outra coisa de que preciso ainda mais.

Sigo até ao fundo do supermercado. Pelo caminho, ao virar na esquina do corredor das bolachas, esbarro num casal que está a ter uma discussão muito, mas mesmo muito importante sobre bolachas. Sim, a discussão é sobre

bolachas. Ele prefere as decadentes *Oreo*, mas ela quer umas daquelas que parecem esferovite. Passo por eles sem ouvir o final da discussão, mas com a certeza de que ele vai ter de comer as bolachas de esferovite, porque nós, mulheres, saímos sempre vitoriosas nas pequenas batalhas da vida. Já nas grandes batalhas, é uma história completamente diferente.

Apresso o passo e entro no corredor das bebidas. Um casal de meia-idade escolhe um vinho tinto para o jantar, enquanto dois jovens enchem um carrinho com cerveja. Tento passar, mas o carrinho deles está atravessado no meio do corredor.

— Dão-me licença?

Um deles, com um *piercing* na sobrancelha, olha para mim com ar de poucos amigos e ignora-me. Nem o austero fato cinzento-escuro que estou a usar o parece impressionar. O outro, que tem ar de quem começou a fazer a barba há pouco tempo, fica atrapalhado e lança-me um olhar de cachorrinho abandonado.

— Desculpe, hoje é noite de *poker* lá em casa.

Espreito por cima do ombro dele. Lá estão elas, no fundo do corredor a olhar para mim. Conseguia reconhecer as garrafas de vidro transparente com rótulo vermelho a quilómetros de distância.

— Tudo bem, eu espero — digo, embora esteja desejosa de ir buscar uma garrafa.

Enquanto eles acabam de carregar o carrinho, reparo que o casal de meia-idade, além de um tinto alentejano, decidiu levar também um moscatel. Parece que não é só na casa dos jovens que vai haver festa.

— Estamos despachados — diz o jovem imberbe, enquanto começa a desviar o carrinho. — Desculpe a demora.

— Tudo bem, divirtam-se!

Observo-os enquanto se afastam. O do *piercing* diz qualquer coisa ao ouvido do outro, depois desatam os dois a rir. Não sei qual é a piada, mas deve ser muito boa, porque eles não conseguem parar de rir. De repente, sinto-me nostálgica. Lembro-me de mim e das minhas amigas quando andávamos na faculdade, o que me faz sentir saudades desses tempos. Nessa altura, as nossas maiores preocupações eram as festas, os namorados e os episódios de *O Sexo e a Cidade*.

Os rapazes dobram a esquina e desaparecem do meu raio de visão. Agora que não está ninguém no caminho, dirijo-me diretamente à prateleira pretendida. Agarro numa garrafa de *Smirnoff* e dou meia-volta. Com a garrafa de *vodka* numa mão e a caixa de tampões na outra, acelero o passo

em direção à caixa. Estou ali há demasiado tempo e estou desejosa de chegar a casa. Tenho o cérebro a mil e uma dor de cabeça que não me larga desde a manhã.

Já estou há quase vinte minutos na fila, o que faz com que esteja impaciente. Estou cansada e a dor de cabeça está cada vez mais forte. Apetece-me abrir a garrafa e beber um gole diretamente do gargalo. Começo a imaginar as caras horrorizadas dos meus companheiros de compras e quase que dou uma gargalhada. Dava tudo por um gole, mas sei que não posso. A filha do juiz Lacerda de Brito não bebe em público.

A fila teima em não avançar. Espreito e vejo que uma velhota acaba de despejar o conteúdo da mala na caixa. Pelos vistos, não consegue encontrar o cartão multibanco.

Vejo a falsa loira chegar e juntar-se à fila da caixa ao lado. Além do desodorizante, traz uma garrafa de *whisky*. Sorrio. A loira é cá das minhas. Durante a semana, sou uma menina bem-comportada. Levanto-me cedo para ir ao ginásio antes de ir trabalhar — *crossfit* cinco dias por semana. Depois, sigo para o trabalho: doze a catorze horas por dia (quando não são mais). Exceto à sexta. À sexta, se não houver nenhum imprevisto, saio por volta das sete da tarde. Às sextas e sábados à noite, gosto de beber um copo para relaxar. Quando o Rodrigo não está em Lisboa e não tenho companhia para sair, compro uma garrafa de *vodka* para beber em casa. Dantes saía sempre com as minhas amigas, mas duas delas casaram e saíram de Lisboa. Fiquei eu e a Rute, até há seis meses, quando ela se perdeu de amores pelo instrutor de *body combat* e decidiu ir atrás dele para Ibiza. Foi assim que acabei por ficar sozinha em Lisboa. Por isso, às sextas e sábados à noite, deito-me no sofá a rever episódios de *O Sexo e a Cidade*, enquanto bebo até adormecer. Bebo metade da garrafa na sexta e a outra metade no sábado. Aos domingos almoço com os meus pais com uma grande ressaca, mas eles nem se apercebem. Por vezes, acho que podia desaparecer, que eles nem iam dar por isso. E por vezes é isso que me apetece: desaparecer.

O casal das bolachas chega e fica na minha fila. Ela fala sem parar, e ele sorri. No cesto de compras, consigo ver as bolachas redondas de esferovite e tenho vontade de rir. Duas embalagens. Ele está tramado. Vai passar o fim de semana a tirar bocados das bolachas dos dentes. Aquela porcaria é difícil de tirar dos dentes. Ela baixa a cabeça para ver qualquer coisa no telemóvel, e ele suspira e revira os olhos. Dá-me vontade de lhe dar os parabéns. Finge tão bem quanto eu.

Passo a vida a fingir, ponho o meu melhor sorriso e finjo. Finjo que gosto dos meus colegas, finjo que gosto do meu trabalho, finjo que gosto das aulas

de *crossfit*, finjo que concordo com os meus pais... enfim, finjo que sou feliz, porque é mais fácil fingir do que dizer às pessoas como realmente me sinto.

Somos educadas para sermos as filhas perfeitas e tirarmos um curso com boas saídas profissionais, para arranjarmos um bom emprego com um bom salário, para depois comprarmos uma casa e um carro. Mas quando alcanças essas coisas, descobres que ainda tens um longo caminho a percorrer. Tens de fazer mais, tens de ter mais, tens de ser mais. Tens de ter o corpo perfeito para arranjares o marido perfeito, para teres filhos perfeitos e depois seres uma mãe perfeita. Se conseguires tudo isso, parabéns! Tens a Vida Perfeita.

E, a certa altura, percebes que estás no bom caminho, que fizeste tudo certo. Seguiste a tradição da família e tiraste um curso de Direito na melhor Faculdade de Direito do país, arranjaste trabalho num dos escritórios de advocacia mais prestigiados da capital, tens um bom carro e vives num apartamento no centro da cidade que os teus avós te deixaram. Mas isso não basta. Isso não quer dizer nada. O teu trabalho continua a não ser reconhecido, porque cometeste um pecado capital: nasceste com um par de mamas e uma vagina. E, quando dás por isso, estás a ser vítima de *bullying* no trabalho, porque ousaste desafiá-lo. E o que fazes quando isso acontece? Calas-te e continuas a ir trabalhar como se nada se passasse. Calas-te, porque não és queixinhas. Calas-te, porque és forte, porque és um rochedo no meio de uma tempestade, fustigado pela chuva e pelo vento. És um rochedo e nada te consegue quebrar, nada te consegue derrubar. Mas há dias em que não te sentes um rochedo. Há dias em que te sentes aniquilada, despedaçada, vazia. Hoje é um desses dias.

A rapariga das bolachas põe o telemóvel na mala e olha para o namorado. Ele ri-se para ela, e eu não consigo conter uma gargalhada. Finge tão bem ou melhor do que eu. Devia receber uma medalha.

A velhota encontra finalmente a carteira e paga a conta. Depois começa a guardar as tralhas que despejou no balcão com uma lentidão que me está a irritar. O ambiente fechado sem janelas e o aglomerado cada vez maior de pessoas estão a deixar-me à beira de um ataque de nervos. Preciso de sair do supermercado.

Um homem de fato e gravata junta-se à fila. Alto, moreno e bem parecido. Deve ter uns trinta e tal anos. Traz uma miúda de uns cinco ou seis anos pela mão. Ela veste uma camisola cor-de-rosa, com um grande desenho da Minnie, uma saia azul de tule e umas sapatilhas daquelas que têm luzes. O homem está agarrado ao telemóvel. A miúda olha para mim e sorri. Eu devolvo o sorriso. Um sorriso verdadeiro, não daqueles sorrisos falsos que uso com a maioria das pessoas. Pisco-lhe o olho. Ela dá uma gargalhada e faz uma careta. Faço uma careta também. Ela desata a rir e puxa a mão do pai, que a

ignora. Volta a puxar a mão do pai e aponta para mim, mas ele sacode a mão e continua a ignorá-la. A conversa que está a ter ao telemóvel parece ser mais importante do que a filha. A miúda para de sorrir, e eu paro de fazer caretas.

Olho para a fila novamente. Agora a velhota está a guardar as compras num saco. Aperto a garrafa de *Smirnoff* com força. A mulher move-se a um ritmo tão lento, que quase parece que estou a ver um filme em câmara lenta. De repente, sinto uma pontada no peito. Aperto a garrafa de *vodka* com mais força e tento respirar fundo, mas não consigo. A mulher continua a arrumar as compras. Começo a sentir a cabeça zozna. Olho novamente para a caixa e reparo que a velhota, finalmente, vai-se embora. A fila avança, e consigo pou-sar as compras no tapete rolante. Tenho as mãos a tremer. Apoio-me na caixa, mas os tremores não passam.

A pessoa que está à frente na fila começa a arrumar as compras no saco como se tivesse todo o tempo do mundo. Tenho vontade de gritar *despa-che-se!*, mas contenho-me. Os tremores aumentam e a visão começa a ficar turva. Sinto outra pontada no peito, desta vez mais forte. O que se passa co-migo? Não posso desmaiar no meio do supermercado! As minhas pernas co-mecem a fraquejar e escorrego pelo balcão abaixo até ficar sentada no chão. Estão todos ocupados a olhar para os ecrãs do telemóvel ou perdidos nos seus pensamentos e ninguém parece reparar na maluca sentada no chão do super-mercado. A dor no peito fica mais forte e não consigo respirar. Deixo-me ficar assim, com a cabeça encostada a um daqueles expositores de chocolates que põem junto às caixas. A miúda das sapatilhas com luzes olha para mim, mas já não sorri.

— Pai! — guincha a miúda. O pai larga finalmente o telemóvel e olha na minha direção, com ar de aborrecimento.

Começo a respirar ruidosamente, tentando forçar o ar a entrar nos pul-mões. A dor no peito está mais forte. O rapaz das bolachas vê-me no chão e aproxima-se. O pai da miúda parece aliviado. Já não tem de me ajudar.

— Precisa de ajuda?

— Uma dor no peito — consigo dizer, enquanto o agarro por um braço.

Que ridícula! Aqui estou eu, sentada no chão imundo do supermercado, agarrada ao braço de um estranho, como se o mundo fosse acabar.

— O que é que se passa? — pergunta a rapariga das bolachas, que se jun-tou ao namorado.

— Uma dor no peito — diz ele, enquanto tenta soltar o braço.

A rapariga olha para mim, depois para ele e de novo para mim. Depois, vira-se para a fila e grita, com uma voz esganiçada:

— Chamem uma ambulância! Ela está a ter um ataque cardíaco!

O som agudo da voz dela parece uma faca a entrar no meu cérebro. Agora compreendo porque é que o namorado sorri sempre que fala com ela. Com aquela voz esganiçada, ele não vai querer que ela se zangue. Por isso, vai comer as bolachas de esferovite e dizer que ela tinha razão, que são ótimas.

Fecho os olhos e desejo que isto seja um pesadelo. Sou demasiado nova para ter um ataque cardíaco! Mas a dor lancinante que sinto no lado esquerdo do peito não passa. Ouço passos apressados e muitas vozes. Volto a abrir os olhos e vejo um ajuntamento de pessoas à minha volta. Umas lançam-me olhares curiosos, outras, olhares furiosos, porque lhes estou a estragar o final de tarde.

Um homem vestido com uma farda do supermercado aproxima-se.

— Já chamei a ambulância! Afastem-se, por favor, deixem-na respirar! — ordena ao aglomerado cada vez maior que se juntou para ver o espetáculo.

O homem baixa-se e pousa uma mão no meu ombro.

— Aguarde só mais um bocadinho, a ambulância está a chegar.

Essa informação põe-me ainda mais nervosa. Em breve estarei rodeada de bombeiros. Só de pensar nisso, sinto o coração acelerar ainda mais. Estico o pescoço e consigo ver as minhas compras no tapete rolante. Uma garrafa de *vodka* e uma caixa de tampões. Que barraca! Já consigo imaginar os cabeçalhos dos jornais de amanhã: *Jovem de vinte e nove anos tem um ataque cardíaco, enquanto compra vodka e tampões*. Será que me vão chamar jovem? Ou talvez se refiram a mim como *mulher de vinte e nove anos*. Afinal, já estou quase nos trinta, já não sou assim tão jovem.

A dor aumenta, e eu não consigo evitar um gemido. Uma mulher, vestida com *leggings* roxos, baixa-se e grita-me aos ouvidos:

— Aguarde, que a ambulância está a chegar!

Tenho vontade de gritar de volta que o meu problema é cardíaco e não auditivo, mas contenho-me. Fecho novamente os olhos e tento respirar fundo, mas não consigo. Só consigo pensar na audiência no tribunal na segunda-feira. Não posso faltar! Já não sei o que me doi mais, se o peito se a cabeça, que parece que vai explodir.

De repente, a multidão à minha volta afasta-se, formando um corredor até mim. À entrada do supermercado estão dois homens com fardas do INEM. Um deles, mulato, é alto e musculado, com olhos verdes. Um pedaço de mau caminho, como diria a Rute. O outro é gordo e careca. Os homens aproximam-se e o careca ajoelha-se ao meu lado.

— Como se chama?

Apesar da dor, fico desapontada por não ser o mulato a falar comigo. O homem continua a olhar para mim, à espera de resposta. Quero responder,

quero dizer que me chamo Melissa, Mel, para os amigos, mas as palavras não saem.

— Como se chama? — insiste o homem, enquanto me toma o pulso.

A minha respiração torna-se mais ruidosa e começo a ver tudo turvo. Só consigo pensar na audiência de segunda-feira e nos cabeçalhos dos jornais. Fecho os olhos e sinto-me como se estivesse dentro de um aquário. As vozes ficam cada vez mais distantes.

Vodka e tampões... vou ser a piada do escritório durante semanas. Lembro-me do que o Cláudio me disse antes de sair do escritório e pergunto-me se ele tinha razão.

CAPÍTULO 2



Quando o despertador toca pela terceira vez, decido que está na hora de o desligar. Atiro os lençóis para trás e salto da cama, antes que adormeça de novo. Durante a semana, ponho o alarme para as seis da manhã, mas acabo sempre por carregar no botão de adiar duas ou três vezes. Hoje é quinta-feira e não é exceção. São seis e vinte, o que significa que tenho de me despachar. Visto-me à pressa e engulo uma taça de iogurte grego natural com chia, enquanto leio as notícias do dia no *tablet*. O que me apetecia mesmo era uma torrada com muita manteiga, mas o pão com manteiga engorda e, por isso, contento-me com a taça de iogurte. Enquanto vou percorrendo as notícias, descubro que o nome do meu pai está novamente na imprensa. É o juiz em mais um caso mediático de branqueamento de capitais. Quando termino de comer, agarro no saco do ginásio e saio de casa em passo acelerado. A aula de *crossfit* começa às sete e meia e não quero chegar atrasada.

Às sete e vinte e cinco, já estou equipada e preparada para mais uma sessão de tortura, ou, como o meu treinador gosta de dizer, para uma sessão do *Projeto Corpo de Praia*. Estou no balneário, a guardar as minhas coisas no cacifo, quando ouço o som de uma mensagem a chegar. Agarro no telemóvel, na expectativa de que seja uma mensagem do Rodrigo. Não é dele. É uma mensagem do meu chefe. Já devia saber que o Rodrigo não me ia enviar mensagens a esta hora da manhã. Já não o vejo há dezoito dias e estou cheia de saudades dele.

Dirijo-me ao estúdio de *crossfit*. O Leo, o treinador, já lá está. O Leo deve ter trinta e poucos anos e é um girão. Alto, atlético, sem ser demasiado musculado, com cabelo castanho-claro e olhos verdes muito vivos. E, além de ser giro, é daquelas pessoas que estão sempre bem-dispostas. Um verdadeiro Cappuccino.

Isto pode ser superficial, mas eu e as minhas amigas arranjámos uma forma de classificar os homens. Quer dizer, a ideia foi da Rute. De acordo com ela, há quatro tipos de homens. Temos o Cappuccino, que é o homem que nos

aquece o coração e que está sempre lá para nós. Tal como a bebida, junta o melhor de dois mundos: é giro e bom rapaz. O Leo é o exemplo perfeito de um Cappuccino. Depois temos o Martíni, que é denso e forte. Um homem tão atraente, mas tão atraente, que não consegues resistir-lhe. O teu cérebro sabe que ele te pode trazer problemas, mas o teu corpo não quer saber. Quando vês um Martíni, só tens vontade de arrancar a roupa e de lhe saltar para cima. A seguir temos o Café Curto, que, tal como o nome indica, é mais pequeno, o que faz com que seja mais encorpado e amargo. Ele é o homem baixo e feioso, pelo qual não dás nada, mas que depois se revela um mestre na arte do amor. Até pode ter uma pila pequena, mas sabe o que fazer com ela. Por fim, temos o Copinho de Leite. É o homem insonso, que até pode ser bom rapaz, mas que não te desperta qualquer interesse. Infelizmente, os Copinhos de Leite e os Cafés Curtos abundam. Já os Cappuccinos e os Martínis parecem estar em vias de extinção.

A Rute está convencida de que o professor de *body combat* é um Cappuccino, mas não podia estar mais enganada. Ele é um Café Curto, mas deve ser tão, mas tão bom na cama que conseguiu convencê-la a ir atrás dele para Ibiza. A Rute é que inventou as categorias, mas acho que não percebe nada de homens, ou está a enganar-se a si própria. E não é só sobre o professor de *body combat* que está enganada. Está convencida de que o Rodrigo é um Martíni. Ele pode ser um pouco vaidoso, mas não é um Martíni. É um Cappuccino, sem dúvida.

— Bom dia, Mel! Preparada para mais uma aula? — pergunta o Cappuccino à minha frente.

— Preparadíssima! — minto.

— Tenho uma novidade exclusiva para ti — diz o Leo, enquanto me pisca o olho.

— Uma novidade?

Alguns colegas começam a entrar, um grupo fica à porta a falar, mas o Leo continua focado em mim.

— Já ouviste falar do *krav maga*?

— Já, mas, para ser sincera, não sei muito bem o que é.

— É uma técnica de defesa pessoal desenvolvida em Israel.

Dou uma gargalhada.

— Isso quer dizer que achas que preciso de aprender a defender-me?

— Não, mas às vezes parece que estás com vontade de dar porrada em alguém. No *krav maga* podes fazê-lo sem ser acusada de ofensas à integridade física.

Desatamos os dois a rir. Nunca ninguém me tinha dito isso. Já me disseram

que tenho cara de menina rica e até de convencida, mas esta é a primeira vez que me dizem que tenho cara de quem quer dar porrada em alguém.

— Tenho a certeza de que deve haver alguém a quem gostarias de partir a cara. Todos nós temos alguém que nos tira do sério.

Penso de imediato numa pessoa e imagino-me a dar-lhe uma grande coça.

— Vou começar a dar aulas de *krav maga* aqui no ginásio, se quiseres experimentar. Pensa nisso!

— Ok, vou pensar nisso, Leo.

— Tenho a certeza de que há um tipo a quem gostavas de ensinar uma lição.

— E por que achas que é um homem? Pode ser uma mulher — respondo, enquanto enrolo uma madeixa de cabelo nos dedos.

— É um homem, de certeza — diz, a rir.

Ele tem razão, mas não lho digo.

— Bem, chega de conversa. Vamos treinar.

Quando olho em volta vejo que o estúdio já está cheio. As aulas do Leo são sempre muito concorridas, sobretudo pelo sexo feminino.

— Bom dia, turma linda! — grita.

— Bom dia, Leo! — respondemos todos em coro.

— Preparados para mais uma aula?!

— Não — responde alguém lá atrás.

Desatamos todos a rir.

— Eu sei que vocês receiam a dor, mas ela é vossa aliada! A dor significa que estão a trabalhar o corpo. Quando chegar o verão, vão ver que toda a dor valeu a pena!

A música começa a tocar, bem alto, e o Leo toma o seu lugar em frente à turma.

— Vamos lá começar mais uma aula do *Projeto Corpo de Praia*! — grita, por cima da música.

Começamos a tortura com polichinelos, o que dá ao Leo a oportunidade perfeita para se exibir.

— Vamos lá! Só mais dez, nove, oito, sete...

Como é que os exercícios parecem todos tão fáceis quando é ele a fazê-los? Parece que nem sequer se está a esforçar.

Depois de não sei quantas séries (já perdi a conta), passamos aos agachamentos.

— Vamos lá, gente gira! Oito, sete, seis...

Quando ele se volta de costas para demonstrar o exercício a uma aluna

nova, uma ruiva, com um grande par de mamas, finge que lhe vai apalpar o rabo. Desatamos todos a rir. O Leo volta-se para nós, sem perceber o que se está a passar.

— Estão muito divertidos. É porque o treino está muito fácil. Vamos dificultar um pouco as coisas! Quero mais, quero ver a dor nas vossas caras!

Na minha cara, de certeza que se vê bem a dor. Detestaria ver-me ao espelho nestas aulas. Devo fazer caretas horríveis.

Depois de mais não sei quantas séries de agachamentos, passamos para os *burpees*, que eu odeio. Quer dizer, na verdade, odeio-os a todos: polichinelos, agachamentos, *burpees*, mas, se tivesse de escolher o exercício mais odiado, o *burpee* ganharia o troféu.

— Força! Mais rápido! Mais rápido!

Os meus glúteos e os meus braços estão a pedir socorro. Todo o meu corpo está a pedir socorro.

— Nove, oito, sete! Vamos tonificar esses corpos! Seis, cinco...

Quero lá saber da tonificação. Mas porque venho a estas aulas? Porque insisto?

— Vamos lá!

Quando estou nas aulas, passo o tempo a contar os minutos que faltam para este suplício terminar, mas depois, vou a uma loja, experimento uns *jeans* trinta e seis e, quando não me consigo enfiar neles, penso que tenho de treinar mais, que tenho de perder peso. E aqui estou eu, aos saltos, a tentar não desmaiar. Doem-me as pernas, os braços, os abdominais. Acho que não tenho um único músculo que não esteja dorido, mas continuo a seguir a coreografia. Às tantas, deixo de ouvir o Leo e faço o resto da aula em modo piloto automático.

Começo a pensar no trabalho todo que tenho para fazer. Tenho várias reuniões marcadas, vários clientes difíceis para atender, uma montanha de *e-mails* para responder e uma audiência na próxima segunda-feira. Hoje é quinta, o que significa que só tenho dois dias para conseguir prepará-la, se não, vou ter de passar o fim de semana a trabalhar. E se não tiver tempo para preparar a audiência? E se correr mal? Não pode correr mal, não posso dar esse gostinho aos meus colegas.

— Por hoje, é tudo!

A voz do Leo traz-me de volta ao estúdio. A aula terminou, e eu consegui sobreviver. As pessoas começam a sair e sigo-as em passo apressado.

— Mel, não te esqueças do que eu te disse — diz o Leo, quando passo por ele. — Pensa nisso!

— Sim, vou pensar nisso — minto. — Até amanhã.

Dou uma corrida até ao balneário, para ser uma das primeiras a tomar

banho. Tenho de me despachar. Já estou a vestir-me, quando o telemóvel começa a tocar. É do escritório. Só podia ser do escritório.

— Bom dia. Diz. Sim... tudo bem... sim, podes marcar para as seis.

Quando desligo, vejo que já tenho três chamadas não atendidas de clientes. Mas será que aquela gente não dorme?! Quem é que telefona aos outros antes das nove da manhã?! Os meus queridos clientes, quem havia de ser! Envio uma mensagem curta à Rute:

Robert Pattinson — Cappucino ou Martíni?

É um jogo que às vezes fazemos com atores ou cantores famosos.

Ponho o telemóvel de volta no cacifo. Seco o cabelo o mais rápido que consigo e maquillo-me. Depois agarro no saco da ginástica, na mala e saio a correr do ginásio.

Escolhi este ginásio porque fica apenas a duas paragens de metro do escritório. E, claro, por causa do Leo. Simpatizei logo com ele quando vim fazer uma aula gratuita. Se não fosse o Rodrigo, até me podia interessar por ele.

Sigo em passo acelerado até entrar na estação de metro. Estou a começar a descer as escadas, quando ouço o apito de um comboio a chegar. Desato a correr pelas escadas abaixo, embato contra um homem que surgiu do nada e quase que caio.

— Cuidado!

Ignoro-o e continuo a correr.

— Estúpida! — ouço-o gritar.

As pessoas que saíram do comboio começam a subir as escadas, e eu vou-me desviando delas, sempre em passo de corrida. Magoo-me na perna quando esbarro numa mala de portátil, mas não abrando. Quando chego à plataforma, ouço o sinal sonoro do fecho das portas. Dou uma última corrida e atiro-me para dentro da carruagem. Consigo entrar, mas fico entalada na porta. Sinto uma dor lancinante no ombro esquerdo. Descubro que o saco da ginástica e o meu ombro ficaram presos na porta. As portas voltam a abrir e consigo puxá-los para dentro.

Quando olho em volta, vejo que ninguém reparou no facto de eu ter ficado entalada na porta. Algumas pessoas estão concentradas nos ecrãs dos telemóveis, enquanto outras olham fixamente para o vazio. Ninguém parece interessado no que se passa à sua volta. Podia haver um roubo ou uma zaragata entre passageiros, que ninguém ia dar por isso. Bem-vindos à *Zombieland*!

Como a carruagem está à pinha, fico espalmada entre um marroquino, que deve ter uns dois metros de altura, e uma mulher baixa e gorda, que está

a usar umas meias às riscas pretas e brancas até aos joelhos e uns calções curtíssimos que deixam ver toda a gordura e celulite. Paira no ar uma mistura de cheiro a suor, perfumes baratos e especiarias. Como adoro viajar de metro nas horas de ponta!

Quando chego ao escritório, cumprimento a rececionista, a Cármen, que está ao telefone. Trabalho num dos escritórios de advocacia mais prestigiados de Lisboa, que tem como clientes alguns dos maiores empresários e políticos do país. A receção é austera, cinzenta e masculina. A única cor viva é a das unhas da Cármen. Ela usa um fato cinzento e uns sapatos pretos de salto alto, tal como eu, mas as unhas não podiam ser mais diferentes das minhas. Eu uso uma manicure francesa, discreta. Ela tem as unhas muito compridas, pintadas de um roxo fluorescente. Ninguém sabe como o Azevedo autoriza aquilo. Quer dizer, corre o boato de que a Cármen teve (ou ainda tem) um caso com o Azevedo. Não sei se é verdade, mas ela parece ter permissão para testar todas as cores do arco-íris nas unhas. Quando ela me acena com as unhas roxas, lanço-lhe um sorriso falso.

Dirijo-me ao meu gabinete, ligo o computador e abro o *e-mail*. Não posso perder tempo com devaneios sobre as unhas da Cármen. Trinta e duas novas mensagens. Isto sem contar com as cento e vinte e duas que ainda não li. Dá um total de cento e cinquenta e quatro mensagens para ler. Uau! Cento e cinquenta e quatro mensagens!

Passo a próxima meia hora a devolver as chamadas que recebi e a responder a *e-mails*. Às nove e vinte e oito, já devolvi as três chamadas e já respondi a catorze *e-mails*. Já só tenho cento e quarenta para responder. Quer dizer, enquanto não chegar mais nenhum. Porra! Acabou de chegar mais um. Cento e quarenta e um. Termino a sessão no computador, antes que chegue mais algum. Está na hora da reunião.

Saio do gabinete e dirijo-me à sala em passo acelerado. Às nove e trinta em ponto estou a entrar na sala de reuniões. O meu chefe já lá está, assim como o lambe-botas do Cláudio. Cumprimento os presentes e sento-me na ponta oposta ao Cláudio. Quanto mais longe ficar dele, melhor.

A Cármen entra com uma grande caixa de pastéis de nata e deixa-a em cima da mesa. Depois sai. Sou a única mulher na sala, como é habitual. Dantes éramos duas mulheres, mas desde que a Vera saiu, há pouco mais de um ano, que sou a única advogada do escritório. A advocacia ainda é um mundo dominado por homens. Infelizmente para o meu pai, ao invés de um filho, saiu-lhe uma filha na rifa.

— Bom dia a todos. Vamos lá começar — diz o Azevedo, enquanto agarra num pastel de nata e o enfia na boca de uma só vez. O Azevedo é o nosso

chefe e, desde que o sócio dele morreu, que se fazem apostas sobre quem será o próximo sócio. — Vamos passar à tarefa que todos fingem adorar, o ponto de situação dos casos que têm em mãos. — E engole outro pastel de nata (não admira que esteja a ficar gordo). — Jonas, vamos começar por ti.

O Jonas pousa o pastel de nata e lança o seu melhor sorriso ao Azevedo. Mais um graxista. Nem sequer gosta de pastéis de nata, mas faz tudo para agradar ao chefe. Quando começa a falar de um caso de um político acusado de branqueamento de capitais, desligo. Esses casos não são e nunca serão para mim, pelo menos enquanto trabalhar neste escritório. É preciso um homem de barba rija para lidar com casos desses. Foi o que o Azevedo me disse, quando comecei a trabalhar aqui há cinco anos. O que é irónico, pois o Jonas é tudo menos um homem de barba rija. Tem o cabelo castanho escuro aos caracóis e usa óculos redondos, que lhe dão um ar de *nerd*. Se não fosse tão sacana, podia ser um Cappuccino. É o tipo de homem que é capaz de passar por cima de tudo e todos só para ficar bem visto. No escritório, só o Cláudio consegue descer mais baixo.

Alguém empurra a caixa de pastéis de nata na minha direção, e eu empurro-a de volta. Ao fim de cinco anos a trabalhar ali, já todos deviam saber que não como bolos, mas fazem-se distraídos, ou é só para me provocar, para ver se cedo. Quando empurro a caixa, reparo que o Cláudio está a olhar fixamente para mim. Desvio o olhar e finjo que tomo umas notas. Pelo canto do olho, consigo ver que continua a olhar para mim, o que me faz sentir um arrepio.

— Melissa, é a tua vez. — O Jonas dá-me uma cotovelada.

— Ah, sim, claro.

— Estavas distraída? — pergunta o Cláudio.

Finjo que não o ouvi. Decido poupar o meu chefe e os meus colegas aos pormenores sórdidos dos divórcios dos meus clientes e faço um resumo rápido dos meus casos. Não precisam de saber que o empresário dos pneus foi apanhado na cama com a sobrinha (que, felizmente, era maior de idade), ou que a *socialite* com o busto copa D, que traiu o marido com o professor de ténis, quer ficar com o anel de noivado da falecida sogra. Por isso, faço uma intervenção breve, e o meu chefe parece ficar satisfeito.

Depois é a vez do Cláudio. Olho para ele pelo canto do olho. Até podia ser um Cappuccino, se não fosse tão mau carácter. Alto, atlético e bem parecido, é o típico macho alfa. E, além de ser muito atraente, é inteligente e muito bom naquilo que faz: impedir políticos corruptos de irem parar à prisão. Tem as competências necessárias para lidar com casos desses, e o Azevedo sabe-o: é prepotente, manipulador e falso. Eu nunca terei essas *qualidades* e, por esse

motivo, estou condenada a tratar dos divórcios dos ricos e famosos, enquanto trabalhar neste escritório.

De acordo com as estatísticas, a percentagem de divórcios por cada cem casamentos é de quase sessenta e nove por cento. Em cada cem casais que disseram o sim, iludidos pela promessa do amor eterno, há sessenta e nove que veem esse sonho destruído. Porque é isso que os divórcios fazem: transformam o que já foi um sonho num pesadelo. Com uma taxa de divórcios tão elevada, nunca me irá faltar trabalho.

Depois do Cláudio, é a vez de outro colega fazer a apresentação, e eu desligo de novo. Não tenho o mínimo interesse em ouvi-los a darem graxa ao Azevedo, porque é isso que todos fazem desde que o sócio dele faleceu. Quase que se empurram uns aos outros para ver a quem o Azevedo vai oferecer sociedade.

Olho discretamente para o Cláudio e começo a pensar em que categoria de homens ele se encaixa. Chego à conclusão de que não se encaixa em nenhuma. Nunca poderia ser um Cappuccino e é demasiado mau carácter para ser um Martíni, sequer. Que categoria é que a Rute inventaria? Talvez homem Cerveja, porque é amargo. Pensando melhor, homem Cerveja não é uma boa opção. A cerveja, apesar de amarga, é adorada por muitos (e ninguém gosta do Cláudio, embora finjam gostar). Essa hipótese está fora de questão. Já sei, Leite Azedo, porque há qualquer coisa nele que está estragada. É isso mesmo! Há algo nele que está podre. A alcunha fica-lhe a matar, o que me faz ter vontade de a partilhar com alguém. A escolha óbvia seria a Cármen, mas não é boa ideia contar-lhe. É uma linguaruda e ia logo a correr contar ao Cláudio e ao resto da matilha.

— Obrigado a todos — diz o Azevedo, quando o último colega termina.

Estava tão embrenhada nos meus pensamentos, que nem me apercebi de que já tinham todos feito as suas intervenções. Começo a arrumar as minhas coisas.

— Esperem, tenho mais um assunto para falar convosco. — Quando volto a sentar-me, reparo que o Cláudio está outra vez a olhar para mim. — Vamos organizar um evento para os nossos melhores clientes. Quero mostrar-lhes o quanto a firma aprecia o voto de confiança que nos dão.

— Mas que ótima ideia! — diz logo o lambe-botas do Jonas.

— Ótima ideia! — apoiam os outros colegas, como se fossem um coro bem ensaiado. Só falta darem palmadinhas nas costas uns dos outros.

— Um evento? Que tipo de evento? — pergunto.

Ninguém responde. Nem sequer sabem do que se trata, mas nem lhes interessa. A única coisa que lhes interessa é agradecer ao Azevedo.

— Preciso de alguém para o organizar — diz o Azevedo, ignorando a minha pergunta.

Ficam todos em silêncio. Alguns baixam os olhos e fingem consultar as agendas. Pois, agora ninguém fala. Ninguém quer organizar o evento mistério.

— Melissa?

— Sim.

— Gostava que ficasse responsável pela organização.

— Eu?!

Ouçõ alguns suspiros de alívio e sinto um nó na garganta. O homem deve estar doido! Mal durmo, para conseguir acompanhar os casos que tenho. Como é que vou arranjar tempo para preparar um evento?!

— Sim, gostava que tratasse de tudo. Estou a pensar num fim de semana num hotel de luxo no Algarve.

— Eu não tenho experiência na organização de eventos.

— Tenho a certeza de que vai fazer um bom trabalho.

De repente, tenho uma ideia.

— Acho que o Cláudio seria a escolha acertada. Tenho a certeza de que ele fará um trabalho muito melhor do que eu.

Como rei dos graxistas, aposto que vai ter ideias muito melhores do que as minhas. Uma festa estilo Las Vegas de certeza que ia agradar à maioria dos nossos clientes.

O rosto do Cláudio passa de trocista a furioso. Ainda tive esperança de que quisesse organizar o evento, para dar graxa ao chefe, mas, pelos vistos, não está para aí virado.

— Eu gostava que fosse a Melissa — diz o Azevedo, sem sequer olhar para o Cláudio.

— Não seria melhor contratar uma empresa especializada?

— Não, Melissa. Tem de ser organizado pelo escritório, para os clientes perceberem que nos dedicamos a cem por cento.

— Continuo a achar que o Cláudio seria a escolha mais acertada. Ele tem excelentes capacidades organizativas! — consigo dizer de forma entusiástica.

O Cláudio está cada vez mais furioso. Uma das veias da testa dele parece prestes a rebentar.

— Isto precisa de um toque feminino, Melissa.

Começam todos com risinhos mal disfarçados. Palhaços! Claro, tinha de ser esse o motivo para me ter escolhido. Como é que eu não percebi? Consigo ver a cara de satisfação do Cláudio e tenho vontade de começar a ir às aulas de *krav maga* com o Leo. Aquele tipo precisa mesmo que alguém lhe dê uma lição.

— Bem, a reunião está terminada. Podem todos sair, exceto a Melissa. Quero dar-lhe já algumas indicações, para que possa começar os preparativos.

Os meus colegas levantam-se e começam a sair. Quando um deles para junto ao chefe para lhe perguntar qualquer coisa, o Cláudio aproveita para se aproximar de mim. Pousa uma mão no meu braço. Recuo instintivamente, mas ele continua a tocar-me. Depois, inclina-se para mim e sussurra-me ao ouvido:

— A organização de festas fica-te muito melhor do que a advocacia.

Será que este sacana não me vai deixar em paz?

Depois, afasta-se lentamente, com aquele ar de superioridade que me deixa louca, e troca algumas impressões com o Azevedo antes de sair. Quando ficamos sozinhos, o Azevedo aproxima-se e estende-me uma pasta.

— Aqui dentro tem tudo o que precisa, Melissa. A lista de convidados, o orçamento disponível e a data. Tenho a certeza de que vai fazer um ótimo trabalho.

— Fique descansado, vou fazer o meu melhor — digo, e preparo-me para sair da sala.

— Espere.

Volto atrás e tento pôr o meu melhor sorriso.

— Não encare isto como um castigo.

— Não, claro que não.

— No escritório, todos sabem de quem a Melissa é filha e, por isso, não posso favorecê-la.

Mas também não era preciso sobrecarregar-me de trabalho.

— Não há problema, vou fazer o meu melhor.

No caminho para o meu gabinete, quando passo em frente ao do Cláudio, volto a pensar que as aulas de *krav maga* talvez não sejam má ideia. Ele está ao telefone e não me vê. Tenho vontade de escrever Leite Azedo na porta dele com um marcador vermelho, mas a filha do juiz Lacerda de Brito nunca faria uma coisa dessas.

Estou quase a chegar ao meu gabinete, quando me cruzo com a Cármen, que me barra o caminho.

— Já sei que ficaste com a organização do evento. — Nem sequer fico surpreendida. A Cármen sabe sempre tudo. Por vezes, penso que pôs escutas em todas as salas e gabinetes. — Eu posso ajudar-te a organizar a festa. O ano passado organizei o casamento da minha irmã, lembra-te?

Balões cor-de-rosa em forma de flamingos e música dos anos oitenta não deve ser bem o tipo de festa em que o nosso chefe estava a pensar, mas estou surpreendida por a Cármen se ter oferecido para ajudar.

— Eu ajudo-te, mas tens de dizer ao Azevedo que vou colaborar.

Bem me parecia que a oferta não podia ser desinteressada. Ela não dá ponto sem nó. Aceno com a cabeça e sigo o meu caminho.

Passo a manhã em reuniões com clientes e nem ao almoço tenho descanso. Almoço com uma cliente, que se vai divorciar e está disposta a tudo para poder manter a vida luxuosa que leva. Chega mesmo a insinuar que podia acusar o marido de abuso da filha menor. Felizmente, consigo convencê-la a esquecer essa ideia. Quando penso que já vi tudo, há sempre um cliente que consegue descer ainda mais baixo.

Depois de almoçar, regresso ao escritório. Antes de ir para o meu gabinete, passo no *Cemitério dos Casamentos Fracassados* — Arquivo A, para os outros, mas eu acho que o nome que inventei é muito mais apropriado. Aquela sala de arquivo, com estantes até ao teto, só tem processos de divórcio. É o maior arquivo do escritório. É aqui que vêm parar casos como o do Manuel Botelho Moniz e da Beatriz Botelho Moniz, que se conheceram num jantar em casa de amigos e sentiram a magia do amor à primeira vista. Casaram no Mosteiro dos Jerónimos, passaram a lua-de-mel num *resort* nas Caraíbas e tiveram dois filhos perfeitos. Pareciam destinados a viver felizes para sempre, porém, certo dia, a Beatriz chegou a casa mais cedo do que o habitual, e encontrou a ama dos filhos, no escritório, ajoelhada aos pés do Manuel, ocupada a fazer-lhe sexo oral, enquanto as crianças jogavam *Playstation* na sala. Foi o início do fim. O Manuel prometeu não cair em tentação outra vez, e a Beatriz perdoou-o (ou tentou perdoar), mas as coisas nunca mais foram iguais. Cada vez que ele ficava até mais tarde no trabalho, a Beatriz imaginava-o a ter sexo com a secretária no sofá do gabinete. Cada vez que o Manuel ia à casa de banho e levava o telemóvel, imaginava-o a trocar mensagens com outra. Convencida de que o Manuel a continuava a enganar, a Beatriz decidiu arranjar um amante para se vingar. Escolheu o professor de ténis, um jovem imberbe que podia ser filho dela (não sei porquê, mas professores de ténis parecem ser muito populares entre mulheres que se querem vingar dos maridos). Depois de cinco anos de traições, discussões e ameaças, decidiram divorciar-se. O Manuel e a Beatriz demoraram muito tempo a perceber que o pior de uma traição não é a traição em si, o pior de uma traição é quando percebes que nunca mais vais conseguir confiar naquela pessoa. E quando perdes a confiança na pessoa que dorme a teu lado, não há nada que possa salvar a tua relação: nem promessas de mudança, nem chantagem, nem terapia de casal (nem uma ida à bruxa, porque até isso alguns dos meus clientes tentaram). Se o processo dos meus clientes tivesse um epitáfio, seria:

Aqui jaz morto e apodrece o casamento de Manuel e Beatriz. Amaram-se no início e odiaram-se no final.

Desvio o olhar da parede de processos. Olhar para ela deprime-me. Quero acreditar que ainda existem histórias com finais felizes e que a minha história com o Rodrigo vai ser uma delas.

Afasto esses pensamentos e decido focar-me no trabalho. Localizo o processo que vim buscar e regresso ao meu gabinete.

Nos períodos em que o telefone me dá descanso, trabalho nos casos que tenho em mãos. Ao final da tarde, decido ver os novos *e-mails* que recebi. Muitos têm a palavra *urgente* no assunto, alguns deles em maiúsculas. Abano a cabeça. Não posso ver nem mais um *e-mail* com o assunto *Urgente*, nem atender mais um telefonema que comece por *Isto é um caso de vida ou de morte*. Deixar de ter dinheiro para fazer compras na Avenida da Liberdade não é um caso de vida ou de morte, mas a última cliente que ligou parece estar convencida de que é.

Às oito da noite, mando vir uma salada de uma empresa de *catering* cujo negócio consiste em alimentar os funcionários altamente qualificados e infelizes do centro de Lisboa. Enquanto debico a salada, olho para o prédio em frente, que também tem escritórios. Àquela hora, ainda há luz em muitas janelas, o que me faz sentir mais acompanhada no meu infortúnio. Por volta das dez da noite, não aguento mais e decido sair. A maioria dos meus colegas ainda continua nos gabinetes, mas eu estou exausta.

Apanho o metro e vou para casa. Quando entro em casa, descalço os sapatos, dispo o casaco e atiro-me para o sofá. Estou muito cansada, mas não me apetece ir para a cama. Não consigo parar de pensar no maldito fim de semana no Algarve. Como vou conseguir organizar tudo em tão pouco tempo? E se corre mal? E se o Cláudio arranja forma de sabotar a festa? E se a comida está estragada e apanham todos uma gastroenterite? Ou a banda contratada tem na sua posse um quilo de haxixe e a polícia aparece para fazer uma rusga? Há mil e uma possibilidades de isto correr mal.

Ouçó o som de uma mensagem a chegar e agarro no telemóvel. Tenho uma nova mensagem da cliente da Avenida da Liberdade. Enviou-me mais uma lista de exigências que, aposto, vão fazer o futuro ex-marido bufar.

Amanhã trato disso, respondo.

Em troca, recebo uma mensagem com um coração atravessado por uma seta. Nada da Rute ou do Rodrigo, só a mensagem do coração ferido. Decido enviar uma mensagem ao Rodrigo.

Tenho saudades tuas! Quando vens a Lisboa?

Ligo a televisão e vou fazendo *zapping*, enquanto espero que ele responda. Quando chega uma nova mensagem, largo o comando, que cai no chão com estrondo (daqui a pouco tenho os vizinhos de baixo a reclamar). Afinal, a mensagem é da Rute.

Martíni! Não te esqueças de que ele é um vampiro. Sexy, mas extremamente perigoso!

Desta vez concordo com ela. Um vampiro não é, definitivamente, um Cappuccino. Fico a olhar para a mensagem no ecrã e decido ligar-lhe. O telefone começa a chamar, uma, duas, três vezes... A Rute é o tipo de amiga que raramente liga e, quando lhe ligas, a maior parte das vezes não atende. Diz que não está para andar com o telemóvel sempre atrás. Estou quase a desistir, quando uma voz meio ensonada atende.

— Sabes que horas são?! — Pela voz mal-humorada, acabei de acordar.

— Desculpa! Esqueci-me completamente! — Na verdade não me esqueci, mas pensei que ela estivesse num bar ou numa discoteca a divertir-se. Afinal, Ibiza só tem uma hora de diferença de Lisboa. Meia-noite é demasiado cedo para a Rute se deitar.

— Uma pessoa já não pode dormir descansada?!

Acabei de cometer um pecado capital: acordar a mulher que uma vez acabou com um namorado porque ele ousou acordá-la cedo num fim de semana.

— Tinhas acabado de me enviar uma mensagem.

— Enviei-te a mensagem e depois apaguei.

— Pensei que a esta hora estivesses a curtir a noite de Ibiza. — A Rute sempre foi a que mais gostava de festas, de dançar e beber até cair para o lado. Depois de terminarmos o curso, isso não mudou. Foi a única que decidiu continuar a festa após a faculdade. Por isso, vai arranjanado uns trabalhos temporários aqui e ali e, sempre que junta algum dinheiro, vai viajar, às vezes sozinha, outras vezes acompanhada.

— O que se passa? — Não é normal ela estar a dormir a esta hora. A esta hora devia estar a dançar numa discoteca de Ibiza, ou a tomar um banho no mar em *topless*.

— Não se passa nada. — Está a tentar despachar-me.

— Não me mintas, Rute. Algo se passa!

— Fogo, Mel, tu não desistes! — A voz dela passou de ensonada a chateada.

— Não me consegues enganar.

— Pronto, tudo bem, eu conto. Fiquei sem dinheiro.

— Ficaste sem dinheiro?! E o professor de *body combat*, não tem dinheiro?
— Ele foi-se embora há duas semanas.
— Chatearam-se?
— Fogo, Mel, tantas perguntas a esta hora da noite.
— Se não quiseres, não tens de contar.
— Não, não nos chateámos. Ele queria ir para Tenerife e eu queria ficar em Ibiza, por isso ele foi embora e eu fiquei. — Às vezes tenho inveja da forma desprendida como começa e termina relações.

— Precisas de dinheiro? — Todas nós já emprestámos dinheiro à Rute.

— Não, Mel, não preciso da tua caridade. Estou a dar umas aulas de português na Internet para ganhar uns trocos. Olha, eu sei que me vais dar na cabeça, porque devia planear melhor as coisas, blá, blá, blá, mas não estou com paciência. Falamos noutro dia. Preciso de dormir!

Desliga-me o telefone na cara, e eu fico com o telemóvel na mão, sem saber como reagir. Já devia saber que a Rute vira uma pequena víbora quando alguém a acorda.

Pouso o telemóvel e vou à cozinha buscar a garrafa de *vodka*. Não costumo beber durante a semana, mas a Rute tirou-me do sério. A garrafa está quase vazia. Deito três dedos do líquido transparente para um copo. Dantes um único gole bastava para me animar, mas ultimamente não é suficiente. Sento-me no sofá e vou fazendo *zapping*, enquanto saboreio o álcool.

Acordo estremunhada e descubro que ainda estou no sofá. São duas da manhã. Adormeci, com o telemóvel numa mão e o comando na outra. Verifico o telemóvel. Não tenho mensagens. Bem, pelo menos a cliente da Avenida da Liberdade não me enviou mais corações feridos. Levanto-me devagar, desligo a televisão, arrumo o comando e vou até à cozinha guardar a garrafa. Não me posso esquecer de comprar outra para o fim de semana. Aquela está quase vazia. Resta pouco mais do que um dedo de *vodka* no fundo. Não vale a pena guardá-lo. Bebo o resto diretamente da garrafa.